Já fui uma taberna (4) É muito comum ouvir dizer que Riachos é uma terra de cafés e cabeleireiros. Se assim é, então podemos dizer que noutros tempos foi uma terra de barbeiros e tabernas. Às vezes, anexados às tabernas estavam as lojas, outras vezes estavam barbearias. O que é há mais de 40 anos a Casa Vitória, na Estação, foi em tempos a taberna do Santo Antoninho, que fazia "o melhor comer" de Riachos, e a taberna do Abílio, que ali abriu o primeiro cabeleireiro de mulheres da aldeia. A intensa actividade que havia permanentemente na zona da então chamada Estação de Torres Novas garantia sempre muita clientela às duas tabernas que ali havia. Havia sempre gente de passagem para a estação, os próprios trabalhadores da via e os trabalhadores das indústrias e armazéns das redondezas (armazém da CUF, os armazéns do trigo e de fertilizantes, a fábrica do álcool, a Torrejana, a Unital, a mercearia do Manel da Estação, os tractores, os camiões, os carros de bois e, claro, a estação dos comboios que trazia diariamente gente de tão longe quanto Minde). Falando com testemunhas da vida na pacata aldeia rural de meados do século XX, os adjectivos sobre o movimento na Estação variam sobre um mesmo significado: "doido", "diabólico", "maluco". Era assim especialmente ao meio-dia quando as tabernas (apesar de abrirem cedo e fecharem tarde) se enchiam de gente. O vinho consumido era muito, especialmente pelos trabalhadores como os "putos das sacas", que carregavam às costas sacas que pesavam até 100 quilos da estação para o armazém da CUF (onde hoje está a oficina do Coelho).

O máximo que a memória chega é à taberna do Santo Antoninho, que lá esteve até 1955. O Santo Antoninho era António Antunes, um exímio cozinheiro da Escola Prática de Cavalaria (onde hoje está a Escola Prática de Polícia) em Torres Novas, que abriu em Riachos a taberna que tinha "o melhor comer" ali à volta. Cozinheiro a vida toda, quase nunca era visto na taberna, pois o seu lugar era ao fogão. Era Justino, o filho, que estava ao balcão, personagem eternizada como o "Abrenúncio", devido à expressão que ouviu numa cerimónia religiosa e que passou a vida a repetir para gáudio dos clientes. Nos anos 50, a família Antunes mudou-se para o centro do Entroncamento para explorar a casa Vila Franca. O Abrenúncio abriu mais tarde duas tascas, uma junto à Unital e outra logo junto à ponte do Paul, perto do local onde mais tarde surgiu uma conhecida casa de fataça e enguia.

Abílio de Matos Branco, o barbeiro do outro lado da estrada, foi o senhor que se seguiu. Manteve os dois negócios durante algum tempo, teve um barbeiro a seu cargo e o jovem Alberto que vendia jornais de porta a porta. O Alberto Barbeiro, homem de meticulosa memória, foi herdeiro de ofício do Abílio e garante que o Abílio veio do Pedrógão em 1939 para aprender a ser barbeiro com o Artur Manha, nos Riachinhos. Alberto lembra-se, por exemplo, que se vendia tanto vinho que às sextas-feiras a barbearia nem sequer abria, porque era preciso fazer as contas dos clientes que durante a semana entravam e saíam durante todo o dia para beber um copito de cada vez.

[redacted]

[redacted]